

A INTELECTUALIDADE PAGÃ E SUA PERCEPÇÃO SOBRE A QUEDA DE ROMA¹

Viviana Edith Boch²

Resumo

Uma vez reconstruídos os eventos do ano 410, é oportuno perguntar sobre suas repercussões, em específico, refletir acerca da percepção das pessoas que os presenciaram. Não há dúvidas de que o saque de Roma teve um impacto profundo, de modo que vozes distintas se fizeram ouvir em momentos considerados catastróficos. Neste trabalho, interessa-nos investigar as ideias expressas e as estratégias implementadas pela intelectualidade pagã durante momentos prementes e de transformação no Império. Para tanto, a análise recorrerá à análise de escritos da época e testemunhos epigráficos, bem como à leitura e confronto de estudos historiográficos que permitam interpretá-los.

Palavras-chave

Intelectuais; pagãos; cristãos; identidade; repercussão; queda de Roma.

¹ Tradução de Filipe N. Silva. E-mail: fnsilva@unicamp.br.

² Professora Doutora – Universidad Nacional de Cuyo/Universidad Católica Argentina, Mendoza/Buenos Aires, Argentina. E-mail: vivianaboch@yahoo.ar.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 124-142.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13921

Resumen

Una vez reconstruidos los eventos del año 410, resulta oportuno preguntarse acerca de sus repercusiones, en concreto, reflexionar sobre la percepción que tuvieron sobre ellos quienes los presenciaron. No cabe duda que el saqueo de Roma impactó profundamente y distintas voces se hicieron sentir en momentos que consideraron catastróficos. En este trabajo interesa indagar las ideas expresadas y las estrategias implementadas por la intelectualidad pagana en momentos acuciantes y de transformación acaecidos en el Imperio. Para ello se recurrirá al análisis de escritos de época y testimonios epigráficos, así como a la lectura y confrontación de estudios historiográficos que permitan interpretarlos.

Palabras claves

Intelectuales; paganos; cristianos; identidad; repercusión; caída de Roma.

Considerações preliminares

A interpretação dos acontecimentos vinculados ao saque da cidade de Roma, levado a cabo pelas tropas de Alarico em 410, motivou reflexões por parte dos intelectuais do período. Cristãos e pagãos³ tentaram explicar o acontecimento a partir de suas próprias lógicas: os últimos, ancorados em suas considerações ancestrais, tomavam como causa predominante o abandono dos cultos tradicionais; os primeiros recorriam a uma interpretação adequada aos postulados de sua fé. Muitos buscaram um porquê, uma resposta válida capaz de explicar o desastre (Hubeñák, 2019: 77-78). A questão central girava em torno dos motivos que provocaram tais desgraças. Este trabalho busca uma análise aprofundada sobre o impacto que esses acontecimentos produziram entre os membros da elite romana, tradicionalmente pagã, a partir de suas distintas expressões. A realização desta empreitada começará pela identificação dos ideais que conformaram sua identidade, por meio da análise dos escritos de autores clássicos como Virgílio, Tito Lívio, Ovídio e Cícero. Posteriormente, serão examinados os relatos dos autores contemporâneos ao episódio, com o objetivo de inferir as motivações dos escritos de Zózimo, Libânio, Quinto Aurélio Símaco, Ambrósio de Milão, Cláudio Cláudiano e Cláudio Rutilio Namaziano. Também se recorrerá ao aporte oferecido pelo *Corpus de Inscrições Latinas* e especialmente ao Código Teodosiano, que proporcionará a base jurídica necessária para compreender o alcance das reformas realizadas pelo poder imperial no período em estudo.

Quanto ao estado da questão, vale ressaltar que existe um fluxo importante de estudos historiográficos referentes tanto à problemática do século IV, em geral, quanto ao pensamento e intervenção dos principais membros da intelectualidade pagã, em particular. Devido a seu grande número, foi realizada uma seleção de acordo com os limites e especificidade deste trabalho. De maneira sintetizada, faremos menção às conhecidas obras de autores como F. Paschoud, 1967; P. Grimal, 1968; J. Matthews, 1975; Y. Dauge, 1981; L. García Moreno, 1998; I. Lana y N Marinone, 1998, F. Hubeñák, 1998, 1999, 2006; 2019; J.; M. Verstraete, 2006, L.M. A Viola, 2010;

³ O significado religioso do conceito “pagão” se consolida no século IV, a partir da obra de Paulo Orósio *Historiarum adversus paganus* e carrega consigo um sentido pejorativo e que considera falso o politeísmo romano, baseado em ritos negativos. Do ponto de vista jurídico, este termo pode ser encontrado nos escritos do imperador Valentiniano I dirigido a *Claudius*, procônsul da África, datado de 17 de Fevereiro do ano 370 (C. Th. XVI, 2, 18). Sobre este tema, é interessante o aporte de Thomas Jürgasch que considera os termos “pagão” e “cristão” como opositos e por vezes relacionados, uma vez que, em sua opinião, dependiam um do outro. Para o autor, o termo “pagão” está associado à busca cristã de sua identidade coletiva, de modo a se diferenciar dos seguidores dos cultos ancestrais romanos, os chamados “não cristãos”. (Jürgasch, 2016: 115-138).

M. Kahlos, 2010; G. Bravo, 2010; S. Ratti, 2010; P. Heather, 2011; A. Cameron, 2011; C. Ware, 2012; I. Pernot, 2016; T. Jürgasch, 2016; Fernández Ubiña; 2017, V. Boch, 2012, 2013, 2015, 2018; Balmaceda, 2020, entre outros não menos importantes.

Tais publicações permitirão reconstruir os acontecimentos característicos ao período tratado, mas também refletir sobre as ideias dos intelectuais que deram vida aos debates de seu próprio tempo. A partir destes aportes, tanto de fontes antigas como de investigadores atuais, o presente estudo se constitui sobre três partes principais: a primeira se dedica à identificação das principais características da mentalidade aristocrática pagã; a segunda volta-se à compreensão das razões de seu mal-estar e a terceira se aprofundará no pensamento de seus principais representantes. Na última seção espera-se alcançar considerações finais significativas.

Em defesa de sua identidade

Para compreender a mentalidade da elite pagã, aspecto de interesse central neste estudo, é necessário recordar que Roma, desde sua fundação, foi concebida como *Res Sacra*, e foi a partir desta ideia que se formou a crença mítica de sua eternidade. Numerosos ritos, ordinários e extraordinários, consolidaram a *pax deorum* e a garantiram a proteção divina para um Império sem fim. A manutenção desta *pax* dependia do respeito rigoroso às regras rituais. Roma foi fundada segundo o rito etrusco, considerado essencial para outorgar à cidade sua condição de espaço sagrado, o que implicava uma ordenação espiritual. Segundo as disciplinas augurais, tratava-se de conferir à realidade imanente as características do transcendente (Hubenák, 1997: 130). Ovídio fazia referência a esta origem sacra: “Asistidme en la fundación de la ciudad Júpiter, padre Marte y madre Vesta: volveos hacia mí y todos los dioses que la piedad exige tener presentes. Que levante esta obra bajo vuestros auspicios” (Ovidio Nasón, Fastos, L. IV, 825-830)⁴.

A cidade se converteu em um instrumento do mesmo Júpiter que levava a cabo seus desígnios, na realidade temporal, a partir da figura de Enéas (Grimal, 1968:67). Roma se vinculada aos valores de *virtus*, *pietas* e *fides* que o *rex* e o *populus romanus* deveriam encarnar. A *Dea Roma* e a *Roma Aeterna* conformavam uma mesma realidade. O pai dos imortais quis dar origem ao *populus romanus* (Viola, 2010: 25). Ao refletir sobre a natureza dos

⁴ N.T: Preservamos no idioma original todas as traduções realizadas pela autora do artigo, tanto de textos antigos quanto modernos.

deuses, Cícero salientava: “Y no sé si, al suprimirse la piedad hacia los dioses, no se elimina también la lealtad, la cohesión entre el género humano y una virtud de suma excelencia: la justicia” (Cicerón, L I, 4). A ideia da eternidade da cidade foi transformada em um tema epidítico e associada à noção de patriotismo (Pernot, 2016: 204). Nas palavras de Miguel Verstraete, a Grécia das origens do pensar se concretizou na maturidade de Roma que, fundada por Enéas e em cumprimento de sua missão, se estendia de maneira universal. (Verstraete, 2006: 21). Coube ao próprio Rômulo organizar as instituições e estabelecer o *regium consilium* dos *Patres Prisci*, portadores da capacidade augural em virtude de sua *auctoritas*, e que se tornaram os responsáveis pela sobrevivência da *religio*, pela manutenção da *pax deorum* e da missão civilizadora de uma cidade *Caput Mundi*. Como sede da *Maiestas Populi Romani*, o Senado era o sustentáculo da Pátria, o repositório da *auctoritas* divina e das ações rituais, jurídicas e morais (Boch, 2018: 59). Seus membros eram os responsáveis pela manutenção, pela continuidade dos auspícios e objetivos da decisão primigênia do pai dos imortais (Viola, 2010: 32-35).

Os membros da elite senatorial pagã consideravam seu legado fundamental e ineludível, já que se consideravam os únicos capacitados para exercer, de maneira exímia, as funções de governo em conformidade com o desejo divino. Essas ideias podem ser observadas no epistolário de Quinto Aurélio Símaco, que exalta a *virtus* e a excelência do *ordo* ao qual pertencia: “Que mi discurso te haya agrado no me alegra tanto como que el senado, la mejor agrupación del género humano, lo haya escuchado con una apreciación favorable” (Símaco L.I, 52). A intelectualidade pagã romana aderia às considerações que conformavam a base de sua identidade. Manter sua proeminência política constituiu o sentido fundamental de sua atuação histórica.

Um crescente mal-estar

A partir dessas considerações, tentar-se-á compreender os acontecimentos e desdobramentos que antecederam o saque de Roma no ano 410. Buscar-se-á identificar os fatos que, para os membros da elite romana, foram o prenúncio do fim da existência histórica de Roma, ameaçada pelas medidas favoráveis ao cristianismo emitidas pelo poder imperial. Ainda que de maneira sumarizada, é oportuno revisar os feitos fundamentais, de caráter religioso, que dentro do escopo deste estudo, caracterizaram este

período. Constantino I, em 313, se reuniu com Licínio em Milão⁵, onde acordaram considerar o cristianismo como *religio licita*, medida que foi publicada no Reescrito de Nicomédia⁶. Este documento confirmou a liberdade do cristianismo e promoveu a implementação de uma linha política de tolerância para com as crenças e cultos existentes no Império. Embora o imperador tivesse sido adepto do culto ao Sol Invicto, sua aproximação com cristianismo ficou patente ao longo de seu governo por meio da efetuação de medidas favoráveis (Boch, 2018: 31-35). Nesse sentido, ordenou a devolução, às comunidades cristãs, dos bens confiscados e também a liberação dos clérigos dos encargos públicos, medida que logo se estendeu por toda a Itália, como consta no Código Teodosiano:

The same Augustus to Octavianus of Lucania and of Brutium Those persons who devote the service of religion to divine worship, that is. Those who are called clerics, shall be exempt from all compulsory public service whatever, lest, through the sacrilegious malice of certain persons, they should be called away from divine service. (C. Th. XVI, 2, 2).

El mismo Augusto a Octavio de Lucania y a Brutio Aquellas personas que se dedican el servicio de la religión es decir a la obra divina, estarán exentos de todo servicio público obligatorio, no sea que por la sacrílega malicia de ciertas personas sean inducidos a estar fuera del servicio divino.

Foi concedida jurisdição aos bispos e se criou um novo procedimento para libertar escravos a partir de sua mediação (C. Th. IV, 7, 1). Posteriormente, foram proibidos os sacrifícios pagãos realizados em comemoração ao aniversário do imperador (C. Th. XVI, 2,1). Não menos significativos foram os enfrentamentos, surgidos no próprio seio do cristianismo, que instaram Constantino a convocar reuniões conciliares para pôr um fim às suas divisões. Para encerrar os conflitos doutrinais, foi convocado um concílio ecumênico em Nicéia, em 325, que teve como resultado um credo, um símbolo de fé, conhecido como credo de Nicéia (Boch, 2018: 34).

Foi crucial a fundação da *Nea Roma*, Constantinopla, localizada no antigo território de Bizâncio. A escolha deste lugar se deu por motivos

⁵ O chamado Edito de Milão foi transmitido pela *Historia Eclesiástica*, L.X, 5, 1-14 e3, de Eusébio de Cesareia, e pelos escritos de Lactâncio *Sobre a morte dos perseguidores*, L. XLVIII, 1-13. Um estudo minucioso sobre o mesmo encontra-se no capítulo publicado por F. Hubenák, 2015: 159-224. O estudo realizado por Fernández Ubiña, 2017: 87-177, apresenta dados interessantes sobre a problemática envolvendo o referido edito referente ao Cristianismo e o poder imperial. Do mesmo modo, convém consultar a publicação de Catalina Balmaceda, 2020: 131-161 sobre esta temática.

⁶ Para as características do Reescrito de Nicomédia, recomenda-se consultar H. Rahner, 1949: 65.

estratégicos, uma vez que a localidade constituía uma zona privilegiada para o intercâmbio de produtos entre o Oriente e o Ocidente (Sartre, 1994: 265-266). Constantinopla se transformou em uma capital cristã. Os trabalhos foram iniciados em 324 e sua inauguração ocorreu em 330, no *dies natalis* do mártir Mórcio, e foi dedicada ao Deus dos mártires (García Moreno, 1998: 58). Frente a esta, a Roma ancestral foi relegada a um lugar simbólico, carregado de templos dedicados ao culto de divindades pagãs⁷.

Constantino praticou uma política de entendimento com a elite tradicional romana de modo a evitar conflitos; por sua vez, o Senado não tardou em reconhecê-lo como o legítimo sucessor da Tetrarquia (García Moreno, 1998: 50). As decisões imperiais favoráveis ao cristianismo evidenciaram o notório significado da mudança política e religiosa que se produzia. Esta situação se manteve durante o reinado de seus sucessores, exceto pelo efêmero governo de Juliano e sua tentativa de retorno do paganismo⁸. A tristeza por sua morte, entre os intelectuais pagãos, foi expressada no canto fúnebre composto por Libânio: “Ay, ay, sin duda un gran duelo se ha apoderado, no sólo de la tierra aquea sino, sino también de todo el dominio que rige la ley romana” (Libanio XVII, 1).

Tais acontecimentos geraram um crescente mal-estar entre os defensores do paganismo, que observavam com receio as mudanças levadas a cabo pela política religiosa do Império. Esta situação se intensificou com a ascensão dos sucessores de Juliano, Joviano e Valentiniano I, que também aderiram ao cristianismo⁹. Valentiniano I promoveu uma política de franca hostilidade à aristocracia tradicional romana por meio de acusações graves

⁷ Para aprofundamento neste tema, recomenda-se a leitura da tradicional obra de G. Dragon, 1974, e a publicação em homenagem a Héctor Herrera Cajas, na edição corrigida, atualizada e ampliada por P. Corti; A. Herrera e J. Marín, 2008.

⁸ Com Juliano, a *paideia* grega renovou suas forças e despertou a esperança de um renascimento do paganismo após os reinados de Constantino e Constâncio, favoráveis ao cristianismo. Tomou medidas que tendiam a beneficiar os cultos pagãos e que suprimiam a legislação vigente que beneficiava os cristãos. A morte de Juliano, em 363, encerrou as últimas esperanças de retorno de paganismo organizado a partir do Império, já que a posterior tentativa do usurpador Eugênio foi prontamente frustrada. Seus sucessores Joviano e Valentiniano I retomaram as políticas em prol do cristianismo.

⁹ Valentiniano I levou adiante uma política conciliatória e não perseguiu o paganismo. Sua legislação, no entanto, revela a adoção de medidas benéficas para o cristianismo, assim como o apoio do credo nicênnico, Cfr. Th. XVI, 1,1; 2,20 e 2,21; 5,3; 6,1. Na *Pars Orientis*, Valente adotou decisões contrárias à fé de Niceia até a sua morte na batalha de Adrianópolis, em 378. Cfr. V. Boch, 2018: 40.

dirigidas contra os membros do *ordo senatorial*, o que intensificou o mal-estar iniciado anteriormente.

Outro acontecimento que permite inferir a magnitude das mudanças em benefício da preeminência cristã é o reinado de Graciano, que recebeu a toga púrpura em 376. Sob a influência de seu preceptor Décimo Magno Ausônio¹⁰, recorreu a uma política conciliadora com a aristocracia com o objetivo de evitar conflitos (García Moreno, 1998: 110). Foi produzida, então, uma espécie de aliança entre as aristocracias pagãs romanas e as galo-romanas cristianizadas, o que permitia intensificar o poder de ambas¹¹. Como destaca Luis García Moreno, ambos os grupos possuíam um mesmo código de valores e de conduta, caracterizado pela formação retórica como importante fator de promoção social (García Moreno, 1985: 414). Graciano designou seus mais destacados membros para exercerem funções vitais no Império. Embora tenha, a princípio, praticado uma política de equilíbrio, em pouco tempo, e devido à crescente influência do bispo Ambrósio de Milão, adotou uma posição benéfica ao cristianismo (Boch. 2018: 214). De fundamental importância foi sua renúncia ao Pontificado Máximo. Como argumenta Florencio Hubeñák, esta medida dissolvia o pacto ancestral entre os deuses e um Império cuja subsistência, até então, por estes estava assegurada (Hubeñák, 1998: 129-164).

As decisões de Graciano contra o paganismo são imprescindíveis para a compreensão do crescente mal-estar entre seus defensores, tornando-se acontecimentos preponderantes para que a intelectualidade pagã fizesse ouvir sua voz. No governo de Graciano, um episódio determinante foi a derrota de Adrianópolis, ocorrida em 378. Segundo o relato de Zósimo: “Los bárbaros le salieron al encuentro con resolución, e imponiéndose totalmente en la batalla a punto estuvieron de lograr el completo exterminio del ejército” (Zósimo, L. IV, 24, 2). Esta derrota abriu as portas para os godos no Oriente, mas também permitiu incursões em território ocidental, com Alarico chegando às portas de Roma. Nas palavras de Peter

¹⁰ Desde sua convocatória como mentor de Graciano, entre 364 e 367, Ausônio acompanhou o imperador Valentiniano I nas campanhas contra os bárbaros. Recebeu título de nobreza, tornou-se o preceptor de um príncipe, foi nomeado questor do palácio, prefeito da Itália e da África. Quando Graciano chegou ao poder, o nomeou prefeito da Itália, posteriormente da Gália e finalmente cônsul.

¹¹ Sobre este tema, recomenda-se consultar a obra de John Matthews, publicada em 1975. *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 124-142.

Heather: "Valente estaba muerto, su ejército había sido aniquilado. El Imperio romano de Occidente estaba a merced de quien quisiera hacerse con él" (Heather, 2011, 238). O episódio de Adrianópolis permitiu, na *pars orientis*, que Teodósio chegasse ao poder como *basileus*. Como salienta Gonzalo Bravo, Teodósio era considerado um símbolo dos novos tempos, os *theodosiana tempora* devido às mudanças colocadas em prática durante o seu reinado (Bravo, 2010: 172).

Neste estudo, destacam-se dois aspectos da política teodosiana: a questão religiosa e a relação com a aristocracia romana. Sua decisão de fazer do cristianismo a religião oficial do Império por meio do Edito de Tessalônica, conhecido como *Cunctus populus* (C. Th., XVI, 12), ocupa um lugar preponderante. Este Edito, datado de 27 de Fevereiro de 380 e inspirado por Gregório, futuro bispo de Nazianzo, elevou Teodósio a um patamar superior ao dos outros imperadores cristãos do quarto século (Bravo, 2010: 177), uma vez que encerrou as diferenças religiosas e colocou a fé nicênia sob a proteção do Estado. Embora os conflitos religiosos não tenham desaparecido, ficou patente a linha política adotada pelo Império (Hubeňák, 1999: 19). As sanções impostas para o caso de descumprimento foram acompanhadas por um sólido aparato legislativo contra as heresias (C. Th, XVI, 2, 5, 6 e seguintes). Teodósio promulgou, também, uma série de leis contra o paganismo (C. Th. XVI, 10. 7, 8). A lei emitida em 391, dirigida ao prefeito de Roma, proibia os sacrifícios pagãos, públicos ou privados, em todo o âmbito da jurisdição imperial, e também a visita aos templos pagãos: o que resultava na suspensão da manutenção de seus cultos. Posteriormente, foi decretada a destruição dos templos, contexto em que o *Serapeion* de Alexandria desapareceu. Em Constantinopla, em 392, Teodósio promulgou uma lei definitiva contra o paganismo, proibindo-o em todo o Império (C. Th. XVI, 7. 10,11). A partir dessas disposições, sua essência foi modificada.

Teodósio foi o artífice de uma nova ordem. A ideia ancestral de uma Roma Eterna sofreu uma transformação definitiva, e seu governo foi fundamental para a transição da romanidade à cristandade. Em Roma, a aristocracia pagã ocidental tinha seus principais representantes, aspecto que não passou despercebido para o *basileus*. Embora tenha desenvolvido uma atividade legislativa contra o paganismo, implementando uma política de aproximação com seus membros e outorgando-lhes cargos de

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 124-142.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13921

destaque na condução imperial, a crescente participação de cristãos, ou pagãos cristianizados em postos importantes, no entanto, antecipava a perda paulatina de privilégios políticos, aspecto destacado por Símaco: “Desertar de los altares es ahora para los romanos un modo de ganar favores en la corte” (Símaco, Cartas, L. I, 51). Esta situação fez com que os intelectuais pagãos mais destacados colocassem em prática as últimas tentativas de reviver um Império compreendido a partir de sua própria mentalidade. Este aspecto será detalhado a seguir.

A interpretação pagã da Queda de Roma

Mientras todo ello se llevó a efecto conforme al rito, el Imperio de los romanos estuvo a salvo y éstos mantuvieron bajo su poder toda la ecúmene que conocemos. Pero (...) cuando fue relegada la ceremonia, poco a poco se vino abajo (Zósimo, L. II, 7).

Com estas palavras, Zósimo, retor pagão, manifestava seu descontentamento pelo abandono dos cultos tradicionais, cujo processo jurídico e político descreveu. Como afirmado na primeira parte deste artigo, o descuido com a manutenção dos ritos sagrados resultava na ruptura com a *pax deorum huminumque*. Implicava arriscar o equilíbrio tradicional que havia dado origem à *Urbs* e a promessa divina de sua perpetuidade. Por este motivo, os membros do *ordo senatorial* tentavam conservá-lo por meio de ações distintas, e graças às cotas de poder de que ainda usufruíam pela participação nos assuntos públicos. Uma vez retirado o apoio econômico outorgado pelo imperador em prol dos cultos tradicionais, as tarefas de conservação dos *loca sacra* foram passadas aos aristocratas pagãos (Kahlos, 2010: 93; Boch, 2012: 23-24)¹². Entre as atividades relacionadas, pode-se mencionar, por exemplo, as obras de reconstrução do pórtico dos doze deuses *consentes* realizadas pelo prefeito urbano Vétio Agorio Pretextado, conforme consta em uma inscrição encontrada no foro romano:

[Deorum c]onsentium sacrosancta simulacra cum omni lo[ci] totius adoratio] ne cultu informam antiquam restituto] /

[V]ettius Praetextatus, v(ir) c(larissimus), pra[efectus u]rbi [reposuit] (CIL VI, 102-ILS 4003).

¹² É oportuno recordar que os templos pagãos haviam sido expostos a situações de abandono e saque, como fica evidente na defesa redigida pelo retor Libânio em seu discurso *Pro Templis*. Cfr. Libânio, XXX.

Las representaciones sagradas de los dioses consejeros juntamente con la adoración de cada lugar y con el culto restituido según la forma antigua. Vetio Pretextato, varón clarísimo, prefecto de la urbe, repuso.

Dentre os golpes desferidos contra a aristocracia senatorial pagã é possível destacar a supressão das imunidades e rendas dos sacerdócios tradicionais, além da remoção do Altar da Vitória da Cúria senatorial. Pode-se considerar ambas as ações como antecedentes cruciais e motivadoras de uma reação por parte da intelectualidade pagã frente aos acontecimentos vinculados ao saque de 410. Em uma clara alusão ao primeiro assunto, Quinto Aurélio Símaco comentava que: “¡El tesoro de unos príncipes buenos no debe acrecentarse con los perjuicios de los sacerdotes sino con los despojos de los enemigos!” (Símaco, Informes, 3, 11). Esta medida foi avaliada como um verdadeiro abuso, ao qual se somou o segundo, ou seja, a retirada do Altar. Esses acontecimentos foram considerados um autêntico ultraje às crenças mais profundas, arraigadas entre os seus membros, e consolidou a ideia de que o avanço dos bárbaros se devia ao abandono dos ritos pátrios. A *Ara* e a imagem da deusa Vitória¹³, no Senado, encarnavam um poder efetivo e sacro que garantia a proteção divina. Presidia as reuniões senatoriais e seus membros a rendiam culto ao ingressar no local. Ali, juravam fidelidade à pátria (Boch, 2013: 138).

A estátua era o símbolo augural da fortuna de Roma, confirmava o triunfo na guerra e assegurava a continuidade histórica do Império. Foi retirada do recinto senatorial por Constâncio II no ano de 357¹⁴, recolocada por Juliano durante seu breve reinado e novamente retirada nos tempos de Graciano, no ano 382, em consonância com sua aproximação ao cristianismo. A facção pagã do Senado encarregou Quinto Aurélio Símaco de redigir um pedido à corte imperial solicitando a restituição. Seu requerimento ficou registrado na conhecida terceira *relatio*, discurso pronunciado pelo orador diante de Valentiniano II e que solicitava seu

¹³ A deusa Vitória foi venerada em Roma desde épocas remotas, era o símbolo do êxito na guerra e da participação triunfante na vida civil. A ela foi erigido, no século III a.C., um templo no Capitólio, e na época de Augusto foi transformado em um símbolo da religião romana. De acordo com seu projeto político, no ano 29 foi colocada na Cúria Senatorial e foi-lhe dedicada uma *Ara* da Vitória. Tornou-se uma protetora da cidade *Caput mundi*, garantia da *pax deorum huminumque* e da permanência da ordem divina sobre a ordem civil (Boch, 2013: 137-138).

¹⁴São variadas as especulações sobre os possíveis motivos que levaram Constâncio II a tomar esta decisão. Embora não haja dúvidas quanto aos motivos religiosos, é conveniente considerar outras possibilidades. Gonzalo Bravo argumenta que talvez se tratasse de uma medida política, pelo fato de o Senado oriental, que ele mesmo havia promovido, era majoritariamente cristão. Além do mais, destaca que existiam razões econômicas, uma vez que era alto o preço para manter os templos e sacerdócios pagãos que o governo imperial já não apoiava (Bravo, 2010: 185-196).

retorno ao recinto, já que sua ausência afetava a segurança do Império. Neste texto, pode-se ler: “¿Quiénes están allegados a los bárbaros que no reclame el Ara de la Victoria? Somos precavidos con respecto al futuro y evitamos los portentos producidos por cambios de situación” (Símaco, Informes, 3, 3). A seguir, informações semelhantes também podem ser observadas: “Este culto sometió el orbe a mis leyes, los ritos sagrados alejaron a Aníbal de las murallas, a los senones del Capitolio” (Símaco, Informes, 3, 9).

Em oposição ao pedido de Símaco, e como representante da facção cristã no Senado, o bispo Ambrósio de Milão enviou, ao imperador, cartas que contrariavam a terceira *relatio*: “Así creyeron que fuese una diosa también la Victoria, que indudablemente es un don de los acontecimientos, no una potencia, es donada, no dominada; por mérito de las legiones, no por el poder de las religiones” (Ambrogio L. X, Lettere 73, 30).

Ambrósio reiterou que ao atender às reivindicações dos pagãos, Valentiniano II estaria a atentar contra sua fé: “Entonces, porque tú, emperador cristianísimo, debes demostrar tu fe al verdadero Dios, como también tu celo por la fe, tu prudencia y tu piedad (...)” (Ambrogio L. X, Lettere 72, 3). O imperador cedeu aos argumentos do bispo milanês e se negou a restituir o altar. Para os pagãos de Roma, este feito significava o abandono dos cultos pátrios e, portanto, a dissolução do pacto com Júpiter. Como consequência, haveria o desequilíbrio da ordem imanente e, por meio desta, a destruição da cidade. Para este grupo, a continuidade do Império, construído de acordo com a lógica política da *res publica*, agonizava. O colapso definitivo não demoraria e sobre o cristianismo recairia a responsabilidade. Novas solicitações, consonantes com os argumentos pagãos, voltaram a ser apresentadas a Teodósio, ainda que sem resultados. Eugênio aceitou sua restituição durante sua efêmera tentativa de usurpação. No ano 400, segundo o que se pode deduzir dos relatos de seus contemporâneos, foi recolocado na Cúria em momentos de extrema ameaça bárbara contra o Império, mas aparentemente destruído durante o saque de Roma em 410. Coube a Teodósio II e Valentiniano o encerramento definitivo desses conflitos, por meio da publicação de um novo edito de proibição dos cultos pagãos (Hubeňák, 2006: 251-254).

Próximo aos acontecimentos que desencadearam o saque de 410, o poeta Cláudio Cláudiano redigiu seus poemas exaltando a figura de Estilicão nos momentos em que conseguia deter os avanços de Alarico na Itália. Embora suas intervenções desapareçam em 404, provavelmente em decorrência de seu falecimento, seus escritos oferecem informações significativas para a interpretação dos acontecimentos. Para Catherine Ware, Cláudiano

interpretava o passado de Roma a partir da alternância rítmica entre harmonia e discórdia. O poeta considerava que o estado natural do Império, sob um bom governo, se expressava pela primeira (harmonia), ao passo que qualquer interrupção seria produto da segunda (discórdia). Por utilizar uma concepção cíclica do tempo, o poeta acreditava que as glórias passadas se repetiriam, assim como a discórdia seria superada por uma nova etapa de harmonia. Tais ideias transmitiam calma aos romanos, receosos pela presença dos bárbaros em suas fronteiras, e asseguravam a eternidade do Império (Ware, 2012: 117-118). Em seu poema *Guerra contra os Getas*, pode-se ler:

Fue primeramente Fabio, quien contuvo con lenta contienda al fulminante cartaginés; luego Marcelo, atreviéndose en campo abierto, le enseñó la derrota, pero fue en tercer lugar el valor de Escipión el que lo expulsó por fin de las costas del Lacio. En el caso de este enemigo, Estilicón pudo solo sustituir a los tres caudillos con variadas habilidades: frenó su delirio mediante la dilación, lo venció con su ejército y lo expulsó tras haberlo derrotado (Claudio Claudiano, *Guerra contra los Getas*, 138-140).

Claudiano morreu antes de presenciar o saque da cidade capitaneado por Alarico, porém, suas ideias sobre o ressurgimento de Roma pelo devir cíclico de sua História foram adotadas e ampliadas, anos depois, por Cláudio Rutílio Namaziano. O poeta galo-pagão apresentava uma nova interpretação sobre os eventos e suas consequências. A realidade que presenciou requeria uma análise aprofundada dos acontecimentos¹⁵. Sete anos após o saque da cidade pelas tropas de Alarico, quando as hordas bárbaras ainda assolavam o interior do Império, escreveu seu conhecido poema *De Reditu Suo*. Sua originalidade consistiu um transcender o conflito e oferecer uma visão esperançosa (Lana; Marinone, 1998: 716). Para entender as ideias de Namaziano é oportuno recordar que, como integrante da ordem senatorial, tinha contatos com membros do círculo de Símaco, o que pode ser comprovado a partir do intercâmbio epistolar que realizou com alguns amigos em comum (Símaco, *Cartas*, L. IV, 17-34).

No poema rutiliano são mencionados integrantes importantes da aristocracia tradicional da época (Rutilio, Frag. A, 10-15). Formados sob uma matriz cultural comum, possuíam os mesmos ideais, próprios de uma inegável identidade de grupo. Entre eles, figurava o respeito pelos costumes tradicionais (*mos maiorum*) e a convicção do direito de ocupar

¹⁵ Para considerações sobre os personagens políticos do período, sobretudo no que diz respeito à figura de Estilicão, recomenda-se a leitura do estudo de M. Rivagorda, 1997: 180-182. É interessante notar as diferenças entre as interpretações e opiniões rutilianas e aquelas apresentadas por Cláudio Claudiano que, embora fosse um autor pagão, elogiava o consulado de Estilicão.

cargos públicos. Para Rutílio, os membros da ordem senatorial estavam encarregados de custodiar a tarefa extraordinária que lhes havia sido confiada (Roda, 1992: 666).

No que concerne ao saque da cidade, Rutílio não apenas se deteve à identificação das causas, como também das possíveis estratégias para reviver o destino eterno da cidade *Caput Mundi*. O poeta não dedicou seu relato à ruína ocasionada pelo avanço dos bárbaros¹⁶, transformando seus escritos em um autêntico cântico de louvor a Roma e sua missão civilizadora (Boch, 2017: 19). Convencido de seu destino eterno, defendia que cada embate a conduziria a um novo renascer, com nova vitalidade. Rutílio defendia sua eternidade: “lo que no puede hundirse resurge con renovado brío y salta empujado aún más arriba desde las profundas simas” (Rutilio I., 30). Para o poeta, a unidade do mundo se concretizava a partir de Roma, a encarnação do direito, da justiça, da razão, da ordem e da harmonia:

Formaste de pueblos distintos una única patria, al imponer tu poder beneficiaste a los vencidos ignorantes de la justicia y al compartir tus leyes formaste una ciudad de lo que antes era un mundo (Rutilio I. 65).

No que se refere à relação com o cristianismo, o poeta procurou não interferir de maneira direta na polêmica pagã-cristã e tampouco são conhecidos seus motivos. É possível que sua decisão tenha sido baseada no desejo de dirigir a atenção de seus leitores para a força regeneradora de Roma, reduzindo a importância dos argumentos cristãos. Não obstante, deixou explícita sua crítica ao modo de vida cristão, sobretudo àqueles que voluntariamente abandonavam as atividades políticas para viver sua fé de maneira isolada no deserto. Para Rutílio, essa conduta era incompatível com os cânones da vida cívica de um cidadão romano, a quem não era permitido se abster de suas obrigações. Em contrapartida, exaltou o significado da *religio* tradicional como elemento um aglutinador da sociedade (Boch, 2014: 124-126).

É possível compreender que o interesse do poema rutiliano não consiste em defender a cidade atacada por Alarico, mas em ressaltar a força viral de Roma, uma cidade capaz de renascer ante qualquer adversidade. Seus poemas veiculavam a esperança. *De reduto suo* pode ser considerado uma

¹⁶ Sobre este aspecto são variadas as opiniões dos especialistas no que se refere à intencionalidade da obra rutiliana. Ao passo que a obra tradicional de M. Pastor Muñoz, de 1973, outorga um papel fundamental às incursões dos bárbaros, M. Gaos Schmidt destaca a pouca importância que o poema dedica aos mesmos, considerando a possibilidade de um desejo por escapar da realidade do tempo presente (Gaos Schmidt, 2006: 149).

versão renovada e ampliada, tanto de sua terceira *Relatio* quanto da polêmica existente entre pagãos e cristãos, na medida em que foi um poema capaz de fundamentar, por meio de um desfecho preciso e inédito, a sobrevivência histórica da cidade *Caput Mundi* em um momento de catástrofe. Para além do temor por uma destruição total do Império, Rutílio recorreu a uma nova estratégia, interessada em ressaltar o destino eterno de Roma. A cidade foi retratada em sua capacidade de encontrar um caminho de volta à sua autêntica lógica política, e a ideia principal do poema girava em torno da força regeneradora que permitiria a Roma levantar-se triunfante das derrotas sofridas: “en la adversidad tiene por costumbre confiar en el éxito, a imitación del cielo los daños sufridos te enriquecen” (Rutilio, I. 120). Em seu poema, cultuava-a: “a ti diosa, el último rincón romano te ensalza” (Rutilio, I, 80).

O poeta gaulês ampliou as ideias dos intelectuais pagãos de seu próprio tempo e ao mesmo tempo propôs uma perspectiva inovadora: a Cidade Eterna reviveria, apesar de toda desolação trazida pelas tropas de Alarico e da ameaça que o cristianismo representava (Ratti, 2010: 295). Roma, a *Dea Genetrix*, renasceria das cinzas. Nos escritos de Claudio Rutílio Naciancenos, a catástrofe ocorrida em 410 seria superada e a cidade Cabeça do Mundo permaneceria para sempre.

Considerações finais

Por estas linhas, pretendia-se demonstrar os traços essenciais da mentalidade dos intelectuais pagãos de finais do século IV e início do século V. Para estes, a *virtus*, a *pietas*, a *fides*, a *clementia*, a *humanitas* e o *mos maiorum* eram os pilares fundamentais de sua cultura e alimentavam a razão de sua existência na história. Todos estavam convencidos do valor transcendente da romanidade, de sua importância filosófica e alcance metafísico (Dauge, 1981: 543). Desafiados pelas complexidades de sua época, impelidos pela ascensão do cristianismo e desvinculados da condução política do Império, buscavam suas últimas tentativas de reviver o passado. Defendiam a continuidade de suas ideias sobre a eternidade de Roma associada aos ritos ancestrais e aos cultos pátrios (Boch, 2017: 30).

De diferentes âmbitos, os intelectuais pagãos fizeram com que suas vozes fossem ouvidas. Os retores por meio de seus escritos polêmicos e Quinto Aurélio Símaco apresentando seus mais contundentes argumentos à corte imperial. Os poetas do período, por sua vez, expressavam seus pensamentos a partir de modelos autenticamente romanos, unidos aos moldes clássicos. Como argumenta Roda, os poemas de Claudio Rutílio

Namaziano constituem um testemunho fiel sobre como os aristocratas romanos baseavam sua identidade nos cânones clássicos (Roda, 1992: 667).

A partir das considerações propostas ao longo deste estudo, argumenta-se que a intelectualidade pagã romana não apenas se fez ouvir a partir de seus escritos, para defender seus interesses econômicos e sua proeminência social e política no Império, mas também para perpetuar suas crenças ancestrais que, desde a decisão primigênia de Júpiter, assegurada por uma sólida base de ritos, impulsionaram Roma à condição de Cabeça do Mundo.

Bibliografia

Fontes Primárias

AMBROGIO, L, X, Lettere 72 (Maur. 17), 1. Sant’Ambrogio: *Discorsi e Lettere* (70-77). Introd., trad., note e indici di Gabriele Banterle. Roma, Città Nuova Editrice, 1988.

CLAUDIANO *Poemas I*. Introd., trad. y notas de Miguel CASTILLO BEJARANO. Gredos: Madrid. 1993.

CLAUDIANO, *Poemas II*. Trad. y notas de Miguel CASTILLO BEJARANO. Gredos: Madrid. 1993.

CODEX THEodosianus, ed. and trans. C. Pharr, *et. al*, The Theodosian Code and Novels, corpus of Roman. Princeton University Press, Princeton, 1952.

CORPUS DE INSCRIPCIONES LATINAS. en: KAHLOS, M. *Vettio Agorio Pretestato. Una vita senatoriale nella transizione*. Roma, Victrix, 2010.

LIBANIO, *Discursos II*. Introd., trad. y notas de Ángel González Gálvez. Gredos, Madrid, 2001

RUTILIO NAMACIANO *El Retorno. Geógrafos latinos Menores*. Introd., trad. y notas de. García Toraño Martínez, A. Madrid: Gredos.

SÍMACO, *Cartas*. Introd., trad. y notas de José Antonio Valdés Gallego, Madrid, Gredos, 2000.

SÍMACO, *Informes. Discursos*. Introd., trad. y notas Valdés Gallego, J. A Madrid, Gredos, 2003

VIRGILIO, *Eneida*. Introd. de José Luis Vidal. Trad. y notas de Javier de Echave-Sustaeta. Barcelona, RBA libros, 1^a ed. de bolsillo, 2008.

ZÓSIMO, *Nueva Historia*. Introd., trad. y notas de José M^a Candau Morón. Madrid, Gredos, 1992.

Referências Bibliográficas

BALMACEDA, C. Constantino. “Emperador Cristiano’Emperador Romano”. *Teología y Vida*. 61/2, 2020, 131-161.

BAUZÁ, Hugo. F., “Virgilio, Horacio y la construcción del *Imperium*” *Semanas de Estudios Romanos*. Vol. XIII. Pontificia Universidad Católica de Valparaíso. Chile, 2006, pp. 149-161.

BOCH, Viviana, “Quinto Aurelio Símaco y la inmortalización de un paradigma,” *Europa*. 7, Universidad Nacional de Cuyo, 2013, 133-151.

_____, “A propósito de la caída de Roma. Un análisis de los escritos de Claudio Rutilio Namaciano” *Helmantica, Revista de Filología Clásica y y Hebrea*, 200, Universidad Pontificia de Salamanca, Julio-diciembre de 2017, pp. 15-35.

_____, *La agonía del paganismo. El círculo de Símaco y sus contemporáneos*. EDUCA, Buenos Aires, 2018.

_____, “Los romanos y los otros en la obra de Rutilio Namaciano” *De Rebus Antiquis* Año 4, 2014, pp 113-130.

BRAVO, Gonzalo, *Teodosio. Último emperador de Roma. Primer emperador católico*. Madrid, La Esfera de los Libros, 2010.

CAMERON, Alan, *The Last pagans of Rome*. Oxford, Oxford University Press, 2011.

DAUGE, Yves, *Le barbaire. Recherches sur la conception romaine de la barbarie et de la civilisation*. Bruxelles, Col. Latomus, 176, 1981.

DRAGON, Gilbert, *Naissance D'une Capitale, Constantinople el seis instituciones*, Presses Univeritaires de France, 1974.

GAOS SCHMIDT, Amparo, “La fisión de Roma. Rutilio Namacian y Egeria, testimonios de la ruptura” *Noua tellus*, 24-1, pp. 141-156.

FENÁNDEZ UBIÑA, J. “Las persecuciones contra los cristianos y el Edicto de Milán. Reflexiones y Proposiciones Históricas”. En Carbó, J. R (editor).

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.2 - 2021.2. p. 124-142.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13921

El Edicto de Milán. Perspectivas Interdisciplinares. Colección Ensayo nº 10, UCAM, Servicio de Publicaciones, Murcia, 2017.

GARCÍA MORENO, Luis, "La Antigüedad Clásica" *Historia Universa*"l, T. II **, Pamplona, EUNSA, 1985.

_____, *El Bajo Imperio Romano*. Madrid, Síntesis, 1998.

GRIMAL, Pierre, *El siglo de Augusto*. Trad. Ricardo Anaya. Buenos Aires. 3^a ed. 1968.

HEATHER, Peter, *La caída del Imperio Romano*, Trad. castellana de Tomás Fernández Aúz y Beatriz Eguibar, Barcelona, Crítica, 2^a ed., 2011.

HERRERA CAJAS, Héctor, *Los orígenes del arte bizantino. Ensayo sobre la formación del arte cristiano*. Ed. corregida, aumentada y actualizada a cargo de Paola CORTI – Amelia HERRERA- José MARÍN. Serie Monografías Históricas, 18. Instituto de Historia, Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, 1985, Ediciones Universitarias de Valparaíso, Chile, 2008.

HUBEÑÁK, Florencio, "El affaire del altar de la victoria. Uno de los últimos estertores de la romanidad pre-cristiana" *Semanas de Estudios Romanos*. Instituto de Historia Vice-rectoría de Investigación, Vol. XIII, Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, Chile, 2006, pp. 223-254.

_____, "El Hispano Teodosio y la cristianización del Imperio" *Hispania Sacra* 51, 1999, pp. 5-42.

_____, *Roma. El mito político*. Buenos Aires, Ciudad Argentina, 1997.

_____, "El emperador Graciano en el pasaje de la Romanidad a la Cristiandad" *Stylos* 7, 1998, pp. 129-164.

JÜRGASCH, Thomas, (2016). "Christians and the invention of paganism in the Late Roman Empire", en: SALZMAN, Michele; SÁGUY, Marianne; and LIZZI TESTA, Rita., *Pagans and Christians in Late Antique Rome*, Cambridge University Press, 2016.

LANA, Italo, "Ultime voci pagane in Occidente. Rutilio Namaciano" *Storia della civiltà letteraria greca e latina*. Diretta da Italo Lana ed Enrico V. Maltese. Volume terzo. Dall'età degli antonini alla fine del mondo antico. Torino, 1998, pp. 715-727.

MATTHEWS, John. *Western Aristocracies and Imperial Court, AD 364-425*. Oxford, Oxford, 1975.

PASCHOUD, Françoise, *Roma aeterna*. Paris, Institut Suisse de Roma, 1967.

PASTOR MUÑOZ, Mauricio, (1973). Cuestiones en torno a Rutilio Namaciano. *Historia Antigua, Separata 3*, pp.187=217.

RATTI, Stéphane, *Antiquis error. Les ultimes feux de la résistance païenne*. Bibliothèque de l'a Antiquité Tardive. Publiée par l'a Association pour l'a Antiquité Tardive. 14. BREPOLS, 2010.

RATTI, Stéphane, *Polémiques entre païens et chrétiens*. Paris, Les Belles Lettres, 2012.

RIVAGORDA, Miguel, (1997). La pervivencia religiosa pagana en el siglo V: el ejemplo de Rutilio Namaciano. *La Tradición en la Antigüedad Tardía, Antig. Crist. XIV*, Murcia, pp. 179-187.

RODA, Sergio, "Nobilità burocrática, aristocrazia senatoria, nobilità provinciali," *Storia di Roma*. t. III, Torino, 1992, pp. 643- 673.

RODA, Sergio, "Simmaco nel gioco politico del suo tempo," *Studia et Documenta Historiae et Iuris*. Dir. Gabrius Lombardi. Pontificia Universitas Lateranensis Romae, (pp. 53-114), 1973.

SARTRE, Maurice, *El Oriente Romano. Provincias y sociedades provinciales del Mediterráneo Oriental, de Augusto a los Severos (31 a. C- 235 d. C)*. Madrid, Akal, 1994.

TURCAN, Robert, "Le culte impérial au III^o siècle" *ANRW*, II, 16, 2 (pp 996-1084), 1978.

VIOLA, Loris. M. A., *Quinto Aurelio Simmaco. Lo Splendore della Romanitas. La perfezione dell' uomo religioso romano-italiano e la costituzione della civiltà universale della Pace*. Roma, Victrix, 2010.

WARE, Catherine, *Claudian and the roman epic tradition*. Cambridge, Cambridge University Press, 2012.